

## **“Medieval idade”**

Anoiteço castelo gótico ameaçado à boca do abismo, relíquia de pedra que quase ninguém visita porque o Passado cristalizou Eternidade! À hora mágica, interrogo as arcadas adormecidas do claustro, galerias de sombras traídas a espaços por luminosas doçuras prateadas...

Estátuas de frialdade onde o silêncio é gótico, místico ideal sepultado entre espadas nuas e legendas breves; cavaleiros fantasmas que desfilam sombras de capas nos lajedos riscados; o tesouro perdido da Ordem, cânticos romanos sabidos de cor e de fé, ritos e promessas ardentes, a armadura gasta do ascético peregrino.

Lá fora, onde a erva prossegue o seu milenário crescer, só as sepulturas musgosas e as cruzes de pedra, crentes, em mudas preces intemporais...

### **Nota:**

A história da composição deste texto remonta a Julho de 1979, altura em que havia concluído o 2º ano da licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses e Ingleses). Sem desprimor para os restantes docentes, a disciplina que mais me motivara fora a Literatura Inglesa I, leccionada pela Profª Leonor, cuja erudição e entusiástica energia nos desvendavam, entre outros conteúdos totalmente novos, a chamada “poesia da noite e dos túmulos” e a narrativa gótica. A influência e o potencial cenográficos dos respectivos *topoi*, aliados aos laivos simbolistas colhidos da Literatura Portuguesa I e ateados pelas faúlhas pseudo-poéticas dos 20 anos, ditaram este resultado, cujas limitações saltarão aos olhos do leitor mais casual e do crítico mais indulgente. Na recuperação irretocada deste texto, tantos anos volvidos, veja-se pois e apenas uma tentativa de imprimir acrescida personalidade à sentida homenagem que desejaria saber prestar à Profª Maria Leonor Machado de Sousa.